



**CADERNOS DE  
ESTUDOS  
SOCIAIS**  
v.36, n.2, 2021  
e-ISSN: 2595-4091

Autor 1: **Maria Elisian de Carvalho**  
ORCID: 0000-0001-6972-0469  
Filiação: Universidade Estadual do Ceará  
Pesquisadora do grupo de estudos  
Educampo da Universidade Federal  
do Ceará

**Trabalho submetido em  
11/07/2021 e aprovado em  
12/09/2021.**  
DOI: 10.33148/CES25954091  
V36n2(2021)1985

## **O ENSINO REMOTO E A MECANIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE**

### **RESUMO**

O texto objetiva discutir, de forma breve, as questões que envolvem o ensino remoto desenvolvido durante a Pandemia da Covid-19, em intrínseca relação com a mecanização do trabalho docente, e sob o controle das decisões do mercado neste período pandêmico, em que alguns grupos se beneficiam dessas dificuldades para implantar um projeto de desestruturação da já precária educação pública, sob o comando de organismos internacionais e corporações voltadas para venda de insumos curriculares. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e conclui que, diante do quadro vivenciado, os professores desenvolvem atividades de forma mecanizada, pois tem diante de si a máquina, mas apenas como artefato simples da produção mecanizada, mecanizando-se e reagindo mecanicamente, assim como grande parte dos estudantes, tendo em vista que se tornam apenas um elemento do processo, perdendo, em parte, a essência do trabalho docente e sua natureza.

### **PALAVRAS-CHAVE:**

Ensino remoto; Pandemia; Trabalho docente.

# REMOTE TEACHING AND THE MECHANIZATION OF TEACHING WORK

## ABSTRACT

The text aims to discuss, briefly, the issues involving remote teaching developed during the Covid-19 Pandemic, in an intrinsic relationship with the mechanization of teaching work, and under the control of market decisions in this pandemic period, in which some groups benefit from these difficulties to implement a project of deconstructing the already precarious public education, under the command of international organizations and corporations focused on the sale of curricular inputs. This is a bibliographical research, with a qualitative approach and concludes that in view of the situation experienced, teachers develop activities in a mechanized way, because they have before them the machine, but only as a simple artifact of mechanized production mechanizing and reacting mechanically, as well as most students, considering that they become only an element of the process, losing, in part, the essence of teaching work and its nature.

**KEYWORDS:** Remote teaching; Pandemic; Teaching work.

# LA ENSEÑANZA A DISTANCIA Y LA MECANIZACIÓN DEL TRABAJO DOCENTE

## RESUMEN

El texto tiene por objeto debatir brevemente las cuestiones relacionadas con la educación a distancia desarrolladas durante la Pandemia COVID-19, en una relación intrínscas con la mecanización del trabajo docente, y bajo el control de las decisiones de mercado en este período pandémico, en el que algunos grupos se benefician de estas dificultades para implementar un proyecto de destrucción de la ya precaria educación pública, bajo el mando de organizaciones y corporaciones internacionales centradas en la venta de insumos curriculares. Se trata de una investigación bibliográfica, con un enfoque cualitativo y concluye que ante la situación vivida, los profesores desarrollan actividades de una manera mecanizada, porque tienen ante sí la máquina, pero sólo como un simple artefacto de producción mecanizada mecanizando y reaccionando mecánicamente, así como la mayoría de los estudiantes, considerando que se convierten en sólo un elemento del proceso, perdiendo, en parte, la esencia del trabajo docente y su naturaleza.

**PALABRAS CLAVES:** Enseñanza remota; Pandemia; Labor docente.

**Para citar este artículo:** CARVALHO, M. E. O ensino remoto e a mecanização do trabalho docente. *Cadernos de Estudos Sociais*, v. 36, n. 2, Jul./Dez., 2021.

DOI:10.33148/CES25954091v36n2(2021)1985

Disponível em: <http://periodicos.fundaj.gov.br/index.php/CAD>.

Acesso em: dia mês, ano. [v. em edição].

 Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), sendo permitido que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir deste trabalho, desde que seja dado ao autor o devido crédito pela criação original e reconhecida a publicação nesta revista.

## 1 INTRODUÇÃO

Uma situação inesperada ameaçou a rotina da população em âmbito mundial. Quem diria que um vírus visível apenas com as lentes de aumento de um microscópio pudesse causar tamanho impacto na sociedade! Vidas foram ceifadas, a economia foi abalada, mas sua base permaneceu de pé, sobrevivendo em meio os inúmeros esquifes que a cada dia assustavam o mundo com os dados estatísticos. Os decretos governamentais ordenavam o fechamento do movimento cotidiano da sociedade, incluindo escolas e universidades, fazendo brotar uma grande inquietação no campo da educação. Como dar continuidade às aulas e como retornar à sala de aula se o contato com outros humanos poderia ser letal para alunos e professores? A experiência da Educação à Distância (EaD) suscitou a ideia das aulas remotas que não teriam o mesmo padrão de EaD pois seria uma atividade transitória compatível com a realidade de uma pandemia universal. Os problemas encontrados para a realização dessa atividade e o ônus financeiro caíram em grande escala sobre os professores, sobretudo da rede pública, que não tinham as condições necessárias para trabalhar com essa modalidade de ensino. Não obstante as dificuldades, o ensino aconteceu. A qualidade desse modelo de ensino é duvidosa, pois o que ficou em evidência foi o aceleração da chegada das tecnologias digitais invadindo o universo educacional e suplantando, ainda que seja por um período determinado, as aulas presenciais.

Nesse prisma, no que diz respeito ao ensino remoto e ao trabalho docente, este texto objetiva discutir, de forma breve, as questões que envolvem o ensino remoto desenvolvido durante a Pandemia da Covid-19, em intrínseca relação com a mecanização do trabalho docente, e sob o controle das decisões do mercado neste período pandêmico, cuja principal medida de prevenção é o isolamento social, para evitar que o vírus, Covid-19, de grande poder letal, continue se espalhando e ceifando vidas. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e de abordagem qualitativa (BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. 1999).

Nesse sentido, convém salientar que, no caso brasileiro, a par das dificuldades provocadas pelo vírus, Covid-19, as políticas degradantes implantadas em um sistema público de saúde que vem sendo destruído juntamente com a pesquisa científica, em decorrência da escassez de recursos governamentais, a educação pública também sofre as consequências de um projeto de desestruturação, com o sistema de aulas remotas, e de políticas educacionais projetadas sob o comando de organismos internacionais e corporações voltadas para venda de **insumos curriculares** (ADRIÃO, 2017). O vírus letal abriu uma grande oportunidade para

uma corrida veloz, em busca do lucro, com o investimento na indústria farmacêutica, mercadorias de limpeza, higiene e proteção, ou de equipamentos tecnológicos para hospitais e eletrônicos, visando o consumo massivo das pessoas que cumpriam as medidas obrigatórias de isolamento social e/ou trabalho domiciliar – *home office* – e, por outro lado, implementar o grande sonho de destruir as poucas possibilidades formativas dos trabalhadores e precarizar de vez o trabalho dos professores, por meio da imposição de pacotes tecnológicos e insumos curriculares vendidos às escolas privadas e aos sistemas públicos de ensino durante a pandemia.

Para os professores, essa tendência modificou a conjuntura do trabalho, na tentativa de tornar a prática educativa, em geral, e o ensino, especificamente, gerador de trabalho excedente, de lucro, ainda que em uma aposta secundária da economia na educação, posto que a interveniência do poder público na educação continua sendo indispensável e até mesmo fator elementar para que a explosão dos interesses capitalistas ocorra sobre o processo de escolarização oficial. Conforme indicam os estudos de Adrião (2017), presencia-se a privatização de processos como a definição dos currículos escolares do sistema público; a elaboração e aplicação de sistemáticas de avaliação desses currículos; os procedimentos de formação em serviço, de educadores (professores e gestores); a qualificação de assessorias técnicas e jurídicas de esferas governamentais, incluindo formas de supervisão de ensino desenvolvidas nas escolas e “se verifica nos mercados educacionais brasileiros a presença das corporações” através dos “‘Sistemas Privados de Ensino’ e, concomitantemente, pela presença dessas corporações no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)” (ADRIÃO, 2017, p. 130). Isso sinaliza a forma de capitalização das grandes editoras e corporações educacionais que tiram proveito da comercialização de **insumos curriculares**, através de práticas privatizantes de ensino que mantém as instituições sobre o controle do Estado, mas garantem às grandes corporações formas de exploração. Para Saviani:

Tal situação é reconhecida pelos próprios privatistas, que invocam a responsabilidade do Estado em matéria de educação para justificar os subsídios públicos às escolas privadas, reivindicando, portanto, que o Estado arque com os custos do ensino remunerado, assim, os investimentos privados de modo a preservar sua margem de lucro (SAVIANI, 2019, p. 280 e 281).

Nessa lógica, insere-se o trabalho dos professores, pois desses, passa-se a cobrar aulas dinâmicas, interessantes, que façam com que os estudantes não percam a vontade de estudar, tanto nas escolas públicas quanto nas privadas, sem, entretanto, oferecer-lhes formação e –

quando oferecem não atendem à necessidade – recursos tecnológicos, nem condições humanizadas, tanto para estudantes quanto para os professores. As dificuldades de acesso aos recursos tecnológicos, que envolvem desde a internet, computadores, *laptops*, celulares, entre outros, já foram denunciadas por vários pesquisadores, movimentos sociais, sindicatos de professores e outras instituições ligadas, de uma ou outra forma, à educação. Ante esse quadro, o que se constata, é que os professores desenvolvem atividades de forma mecanizada, pois tem diante de si a máquina, mas apenas como artefato simples da produção mecanizada (MARX, 2017), mecanizando-se e reagindo mecanicamente, assim como grande parte dos estudantes, tendo em vista que se tornam apenas um elemento do processo, perdendo, em parte, a essência do trabalho docente e sua natureza. Esse, portanto, é o teor do trabalho que se apresenta a seguir.

## **2 O TRABALHO E A EDUCAÇÃO: HUMANIZAÇÃO OU MECANIZAÇÃO, PARA ONDE CAMINHA O TRABALHO DOCENTE**

O trabalho é a essência da vida humana, e sua razão de existir está associada à organização do homem na vida em comunidade. Por meio do trabalho, o homem se relaciona com a natureza e com os outros homens, e essa relação faz do trabalho a totalidade da vida humana, pois a história humana é construída com a intervenção do homem na sociedade. Embora o trabalho seja uma ação anterior ao objeto posto, sem ele a construção do objeto para satisfazer as necessidades humanas é totalmente impossível. Para Markus (1973, p.24), na produção de um objeto, o homem se apropria da sua atividade fazendo de sua produção uma objetivação do sujeito ativo. No ato de produzir, o homem está em movimento e, quando se depara com o resultado de sua produção, o sujeito da ação se torna passivo diante do objeto produzido.

As necessidades humanas impulsionam o homem a buscar os meios eficazes de suprimento das suas carências encontrando na natureza o lugar propício para encontrar os meios e as condições necessárias para transformá-la e criar algo que realize o encontro do homem consigo mesmo. Portanto, a natureza é também o “reino da necessidade”, pois sem ela, as necessidades ficariam reduzidas à condição de desejo, mas para que haja a efetivação das necessidades é preciso a ação de um elemento mediador que faça a transição do “reino da necessidade” para o “reino da liberdade”. Essa ação mediadora é feita pelo trabalho. Quando se fala em “reino da liberdade” é importante enfatizar que esse reino só é possível quando o

trabalho for fator de realização das necessidades humanas; se o trabalho se torna uma realidade alheia ao trabalhador e não possibilita o desenvolvimento das capacidades humanas como fim em si mesmo, ele se torna um fator de exploração e conseqüentemente um instrumento de alienação.<sup>1</sup>

A superação das necessidades permanentes para a existência humana, pressupõe um modo de pensar o trabalho como extensão do homem e não como um favor que se consuma mediante um contrato, que lhe dá relativa autonomia diante da liberdade de escolha, mas não faz o homem se sentir autor da sua história a ponto de não ver no trabalho um instrumento de realização da liberdade.

O reconhecimento das necessidades humanas é o caminho propício para a conquista da liberdade, pois estimula o homem a assumir um compromisso com o gênero humano e buscar os meios eficazes para ser livre. O ponto de partida para tomar essa decisão é acreditar que a liberdade depende de uma decisão do indivíduo posta pela consciência, que é determinada pelas necessidades de reprodução da vida. O indivíduo não pode ser livre sozinho, sua liberdade é também a liberdade do conjunto da humanidade (SEMEGHINI, 2010, p. 68).

O trabalho é para o homem uma extensão de si mesmo, um instrumento de realização diante do qual o homem encontra-se consigo mesmo na objetivação do real. A realidade que se antepõe à consciência, se exterioriza na ação do homem embasada em necessidades reais e concretas. Para o educador, o conhecimento é a ação da consciência que interpreta o real a partir da realidade que o rodeia, e seu trabalho consiste em interpretar o real para transformá-lo ou manter o *status quo*, dependendo da visão de homem e de sociedade construída na consciência do educador.

Pelo trabalho humano, a natureza é humanizada, porque está impregnada da ação do homem que transforma e modifica a sua natureza original, isto é, pela intervenção do homem, a natureza perde o *status* de um ser meramente biológico e passa a existir como natureza que tem um fim social, pois ao ser transformada pela ação humana o ser biológico se converte em ser social (SEMEGHINI, 2010, p. 49).

---

<sup>1</sup> O trabalhador torna-se uma mercadoria tanto mais barata quanto mais mercadoria ele criar. Com a valorização do mundo das coisas, cresce a desvalorização do mundo dos homens em proporção direta. O trabalho não produz apenas mercadorias; produz-se a si próprio e o trabalhador como uma mercadoria, e a saber, na mesma proporção em que produz mercadorias em geral. Esse fato exprime apenas que: o objeto que o trabalho produz, o seu produto, enfrenta-o como um ser alienado, como um poder independente do produtor. O produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objeto, se coisificou, ele é a objetivação do trabalho. A realização do trabalho é a sua objetivação. Essa realização do trabalho aparece na situação nacional-econômica como desrealização do trabalhador, a objetivação como perda do objeto e servidão ao objeto, a apropriação como alienação, como exteriorização. (MARX, 2015, p. 304).

Na diferenciação biológica entre os membros do grupo humano, encontra-se a base original da divisão do trabalho; à medida que o homem se afasta da barreira natural, as experiências vivenciadas pelo ser biológico são superadas pelo processo de socialização. A divisão do trabalho, no estágio primitivo, despertava nos membros da comunidade o desejo de realizar atividades específicas de trabalho. Para isso, no entanto, isso era necessário o conhecimento de determinada habilidade. Ao aprender a fazer, o homem incorporava valor na objetividade de sua produção que dava ao trabalho uma dimensão social e se tornava mais visível à medida que o grupo crescia e se organizava em comunidade.

A educação é uma atividade que nasce com a organização da vida humana em comunidade. Na convivência com os seus pares, a educação acontecia coletivamente e toda a comunidade era educadora, embora a assimilação da aprendizagem fosse uma disposição natural do indivíduo, motivada pela finalidade precípua da educação que era a satisfação das necessidades do coletivo.

O saber técnico acompanha a formação do homem desde os primórdios de sua existência. A descoberta do fogo, a construção de abrigos, as pinturas rupestres, o uso das armas e os rituais religiosos eram ensinados às crianças que deveriam aprender, sob a orientação dos mais velhos, as diversas técnicas trabalhadas na comunidade. As sociedades hidráulicas que surgiram no Extremo Oriente favoreceram a revolução agrícola com a produção de milho, trigo, cevada, etc., ligadas ao surgimento da técnica de irrigação. O avanço tecnológico vai também impactar no modelo de educação.

A educação também muda profundamente: 1. Ela é, ainda, transmissão da tradição e aprendizagem por imitação, mas tende a tornar-se cada vez mais independente deste modelo e a redefinir-se como processo de aprendizagem e de transformação ao mesmo tempo; 2. Liga-se cada vez mais à linguagem – primeiro oral, depois escrita -, tornando-se cada vez mais transmissão de saberes discursivos (ou discursos-saberes) e não somente de práticas, de processos que são apenas, ou sobretudo, operativos; 3. Reclama uma institucionalização desta aprendizagem num local destinado a transmitir a tradição na sua articulação de saberes diversos: a escola. Instituição esta que se torna cada vez mais central até que das sociedades arcaicas se passa aos estados territoriais e a uma rica e articulada divisão dos saberes que reflete a do trabalho, o qual é cada vez mais especializado e tecnicizado. (CAMBI, 1999, p. 61).

No mundo ocidental, a educação escolar está profundamente relacionada com cultura grega, embora essa cultura tenha elementos provenientes das civilizações orientais. A educação do cidadão grego formava para o espírito físico-esportivo, para a oratória, para a

música, para as artes, etc. Era uma educação focada na integridade do indivíduo e na formação de valores. O compromisso com os interesses da *polis* fazia do cidadão grego um homem ético e político.

Para os gregos, a escola surge no período em que a Grécia passava por um momento de estabilidade econômica e a classe proprietária, composta pela aristocracia, tinha o domínio da economia agrícola. Nessa forma econômica de produção, o trabalho era desenvolvido por pessoas que, em circunstâncias diversas, haviam se tornado propriedade de alguns e assumiam todas as responsabilidades do trabalho produtivo, possibilitando aos donos dos meios de produção a realização de uma atividade que era considerada ócio produtivo. Os proprietários não precisavam se ocupar com o trabalho no campo, pois havia quem fizesse isso por eles e ocupavam-se dos assuntos da cidade, dando origem à atividade política.

*A polis*, desde seus inícios, entre os séculos VIII e VII, “assinala um ponto de partida, uma verdadeira invenção”, já que nela “a vida social e as relações entre os homens assumiram uma forma nova: temos “uma extraordinária presença da palavra”, que se torna “instrumento político” e alimenta a “discussão” e a “argumentação”; as “manifestações mais importantes da vida social” têm um caráter de plena “publicidade”, ligadas que estão a “interesses comuns”, assumindo um aspecto democrático, inclusive no que tange à cultura. (CAMBI, F. 1999, p. 78)

Para os gregos, a cidade é um espaço educativo e a educação comunitária se manifesta nas diferentes formas de expressar a vida da comunidade como, o teatro e os jogos. Portanto, a educação grega voltava sua atenção para a formação do homem como um ser integral, embora houvesse uma distinção entre a educação do homem de Esparta que focava no militarismo e Atenas que se voltava para o debate intelectual.

A educação escolar grega surgiu num em um contexto de prosperidade econômica para a aristocracia no período escravista. Os escravos não eram considerados cidadãos, pois sua condição de escravos tornava-os propriedade de alguém e isso não lhes dava direito de participar dos debates públicos. A ocupação deles era a produção agrícola e outras atividades a serviço da aristocracia e entre essas atividades estava o trabalho do preceptor, a quem era confiada a educação dos filhos dos aristocratas<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Nos primeiros tempos, quando ainda não existia a escrita, a educação era ministrada pela própria família, conforme a tradição religiosa. Quando se constituiu a aristocracia dos senhores de terras, os jovens da elite eram confiados a preceptores. Apenas com o surgimento das *polis* apareceram as primeiras escolas, visando atender à demanda por educação. No período clássico, sobretudo em Atenas, a instituição escolar já se encontrava estabelecida (ARANHA, 2006, p. 61).

O modelo de educação escolar grega chega ao Ocidente como consequência das guerras de conquista e o domínio de Roma sobre o mundo, mas a importância da educação no mundo ocidental ganha relevância com o movimento renascentista que causou uma reviravolta na ciência, na arte, no comércio e na literatura. Sob o ponto de vista econômico, o modo de produção servil deu lugar à sociedade mercantil e o comércio renasceu com novo vigor. A ciência encontrou na natureza o objeto para a realização das experiências e se tornou a grande aliada da sociedade mercantil que passou a ver no conhecimento a possibilidade de expansão da produção das atividades econômicas. Essa nova realidade causou um forte impacto na educação que foi desafiada a responder às necessidades de uma sociedade em mudança. Para a classe emergente, caracterizada historicamente como burguesia mercantil, a educação se tornou uma necessidade para desenvolver o conhecimento e contribuir com a descoberta de técnicas inovadoras para impulsionar o dinamismo do comércio. O modelo de ensino tradicional do período medieval já não respondia aos interesses econômicos de uma sociedade que se encontrava numa fase de reestruturação<sup>3</sup>.

No renascimento, o antropocentrismo, o humanismo e o racionalismo colocaram o homem diante de uma situação de liberdade que favorecia o despertar de um novo mundo. As relações comerciais cresceram com a invenção de novas técnicas para acelerar o desenvolvimento produtivo e a expansão da economia. A criação da escola de Sagres, as navegações marítimo-comerciais, a física experimental de Galileu, a revolução copernicana, foram uma manifestação dessa nova realidade. A invenção de novas técnicas, somadas às descobertas da ciência, proporcionaram a revolução da máquina, que fez o modo de produção mercantil dar um salto gigantesco na história, com a propalada Revolução Industrial que teve o seu auge na era vitoriana inglesa.

Nessa sociedade em transformação, a educação percorre o movimento revolucionário da sociedade mercantil, seja no aspecto econômico, como também na questão política. Foi no século XVIII, contudo, que aconteceram as mudanças no conhecimento que causaram impacto no mundo. Esses acontecimentos foram a Revolução Industrial e a Revolução Francesa, que reverberaram na educação com o mesmo entusiasmo do modelo de sociedade emergente. Essas revoluções mudaram o mundo e as novas relações de produção pautadas no desenvolvimento da indústria e do comércio, fizeram com que o homem se curvasse diante do

---

<sup>3</sup> O aparecimento dos burgueses citadinos obrigou a Igreja a deslocar o centro do seu ensino. Se, até o século XI, poderiam bastar as escolas dos mosteiros, agora já eram necessárias as escolas das catedrais. O ensino passou, assim, das mãos dos monges para as do clero secular. Perdido nas solidões rurais, o mosteiro já não podia servir de sustentáculo para a hegemonia da Igreja, numa época em que o comércio que nascia nas cidades já começava a exigir outra espécie de instrução (PONCE, 2005, p. 98).

produto que ele mesmo criou, levando-o a uma condição de ser submisso e dominado por suas invenções. O homem é o centro do universo e conquistou a liberdade de pensar, construir e transformar. Foi o momento de apogeu do racionalismo e do reinado da razão, que proporcionou ao homem a saída de uma realidade passiva para a condição de sujeito da história.

A construção da história dos homens é um processo que coloca o homem diante de um campo de batalha na luta pela liberdade. Na sociedade da indústria e do comércio, a desigualdade social não permitiu que todos desfrutassem dos benefícios das novas relações de produção e a sociedade burguesa mercantil criou um distanciamento nas relações econômicas que acentuou, de maneira assustadora, o fosso entre os donos dos meios de produção e os donos da força de trabalho.

O capital ocupou o lugar do homem e novos mecanismos foram criados para que a nova ordem subsistisse sem deixar perceber que a centralidade das relações econômicas não era mais o homem, mas o capital que se tornou determinante nas relações mercantis. A busca do lucro dominou as relações econômicas e sociais, e o trabalhador foi instrumentalizado para fazer parte desse movimento, tornando-se ele mesmo uma mercadoria.

A alienação do trabalhador no seu objeto exprime-se, segundo as leis nacional-econômicas, em modo tal que, quanto mais o trabalhador produz, tanto menos tem para consumir; em que, quanto mais valores ele cria, tanto mais sem valor e indigno se torna; em que, quanto mais formado o seu produto, mais deformado o trabalhador; em que, quanto mais civilizado o seu objeto, tanto mais bárbaro o trabalhador; em que, quanto mais potente o trabalho, tanto mais impotente o trabalhador; em que, quanto mais espiritualmente rico o trabalho, tanto mais sem espírito e servo da natureza se torna o trabalhador. (MARX, K. 2015, p. 307).

Ao longo da história, a educação tem se adequado às mudanças de sociedade ocasionadas pelas mudanças do modo de produção. Na superação do modo de produção da sociedade capitalista, a educação também pode contribuir com a transformação da sociedade, elaborando estratégias para despertar a consciência dos indivíduos, para que sejam capazes de criar condições objetivas de reprodução. Para fazer a interação entre educação e trabalho, dois conceitos são fundamentais no processo educativo: universalização da educação e a universalização do trabalho como atividade autorrealizadora. Falar em universalização significa dizer que todos são iguais, têm os mesmos direitos e essa proposta não se compatibiliza com os princípios de uma sociedade dividida em classes, sobretudo quando há relação de dominação e exploração de uma classe sobre a outra.

O mundo globalizado<sup>4</sup> é a nova referência do capital, e sua marca mais importante é a contribuição das novas tecnologias para a expansão da economia, a rapidez dos negócios e a facilidade de comunicação.

A teleinformática (às vezes chamada “telemática”) surgiu da convergência entre os novos sistemas de telecomunicações por satélite e a cabo, as tecnologias de informatização e a microeletrônica. Ela abriu, às grandes empresas e aos bancos maiores possibilidades de controlar a expansão de seus ativos em escala internacional e de reforçar o âmbito mundial de suas operações (CHESNAIS, 1996, p. 28).

O avanço tecnológico proporcionou a aceleração do crescimento econômico industrial e financeiro, oferecendo a facilidade de organizar a expansão do mercado internacional. Para essa corrida expansionista, os trabalhadores devem estar preparados para agir com rapidez, eficácia e eficiência e estarem abertos às mudanças que o mercado exige. Para contribuir com a expansão do mercado a educação é vista como um parceiro que deve enfrentar o desafio “de se adaptar às grandes mutações sociais, culturais e econômicas criadas pela eclosão das novas tecnologias” (FIGUEIREDO, 1995, p.1).

As mutações ocorridas no modo de produção apresentam à educação a necessidade de mudança nas políticas educacionais e o redimensionamento do trabalho pedagógico. Essa realidade exige de professores e alunos uma rápida absorção das novas tecnologias para implantação de novos recursos na prática docente<sup>5</sup>. O professor precisa reinventar o conteúdo programático, a metodologia e o modo de verificar a aprendizagem do aluno. A realidade muda sob os efeitos de um contexto pandêmico, no momento atual, trazendo incerteza para o futuro da educação, que talvez tenha um exíguo intervalo de tempo para adaptar a prática de ensino ao uso das novas tecnologias como mola mestra do ensino e da aprendizagem. As novas tecnologias, que penetraram no universo educacional de maneira acelerada por uma circunstância pandêmica, apresentam à educação o desafio de uma reestruturação para proporcionar o desenvolvimento do capital com os recursos técnicos criados por ele mesmo.

---

<sup>4</sup>No enfoque das “*business schools*”, o termo “global” se refere à capacidade da grande empresa de elaborar, para ela mesma, uma estratégia seletiva em nível mundial, a partir de seus próprios interesses. Esta estratégia é global para ela, mas é integradora ou excludente para os demais atores, quer sejam países, outras empresas ou trabalhadores. (CHESNAIS, 1996, p.37).

<sup>5</sup>Na educação, o comportamento flexível é tanto demandado dos professores quando difundido, como habilidade a ser adquirida, aos estudantes, futuros trabalhadores. Estimula-se o professor, por diferentes meios, a adaptar-se a circunstâncias variáveis, a produzir em situações mutáveis, a substituir procedimentos costumeiros (às vezes repetitivos, às vezes bem-sucedido por “novas” e sempre “fecundas” formas de promover o trabalho docente. Deseja-se um professor disposto a correr riscos e investir em sua atualização (MOREIRA, KRAMER, 2007, p. 21).

[...] as Novas Tecnologias não estabelecem um novo modo de pensar e uma nova ordem social, como sugere o pensamento pós-moderno, antes apenas reorganizam o modo de produção no sistema capitalista para melhor servir aos interesses do capital. Até porque, a Tecnologia não é uma novidade do Modo de Produção Informacional. A história da humanidade é pontuada pelas inovações tecnológicas e, nesse sentido, o homem é um ser marcado pelas tecnologias e condicionado por elas enquanto respostas às demandas sociais que as geram, mesmo em sua configuração mais primitiva. (NONATO, 2006, p.83)

Em última análise o que está em jogo é a sobrevivência de um sistema econômico que precisa de trabalhadores escolarizados para garantir o funcionamento do mercado. O ensino remoto<sup>6</sup>, causado por uma epidemia, corrobora as necessidades do modo de produção reestruturado pelas novas tecnologias e, embora se diga que é uma fase passageira, coloca a educação diante de novos parâmetros ainda indefinidos.

A escolaridade enquanto sistema dirigido às massas, praticamente não existia antes do século XIX. Foi criada para corresponder às necessidades de massificação da educação criadas pela Sociedade Industrial, e para manter as crianças protegidas das realidades do sistema econômico – as indústrias – que as exploravam vilmente como mão de obra barata. Na alvorada do século XXI, nenhum destes pressupostos se mantém. À medida que as economias transitam de lógicas industriais para lógicas do saber, as necessidades passam a centrar-se na obtenção de “trabalhadores do saber”. (FIGUEIREDO, 1995)

É impressionante que um ser tão minúsculo que não se sabe como surgiu, tenha causado um impacto tão grande na sociedade do século XXI. Interessante é que enquanto causa um efeito catastrófico para os empobrecidos que sofrem com as consequências do isolamento social e impossibilidade de trabalhar, para a educação apresenta um cenário de mudança repentina, que deixa confusa a interpretação da legislação do ensino. A LDB (seção VI, art. 30) diz que o Ensino à Distância para os ensinos fundamental e médio deve ser ofertados exclusivamente para complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais. Não pode ser considerada uma situação emergencial quando o fato ocorre por tempo indeterminado.

### **3 O ENSINO REMOTO E A MECANIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE**

---

<sup>6</sup> Entende-se por remotas as aulas ministradas por meio do uso de tecnologias em que alunos e professores se encontram de forma virtual, em caráter emergencial, no mesmo horário dos encontros programados para serem presenciais. (GONÇALVES, 2021, p. 50)

A invenção do relógio foi uma grande descoberta que superou a antiga ampulheta, mas a máquina do tempo na contemporaneidade se modernizou na forma de um aparelho celular, que tem relógio, calendário, temperatura climática, conecta-se com o mundo e é o principal instrumento utilizado pelos alunos na prática da educação à distância. O modelo de “uberização”<sup>7</sup> domina o trabalhador e com o ensino remoto esse modelo toma conta da educação, precarizando as condições de trabalho e escravizando o profissional da educação. Não tendo uma disciplina para a jornada de trabalho, o professor perde o domínio sobre o tempo necessário para a prática de sua ação, e se deixa dominar pelas sutilezas do trabalho que extrapola o tempo necessário para o exercício de sua atividade laboral.

Para encontrar em sua casa o lugar da sala de aula, os espaços das residências dos professores foram ocupados e os custos das despesas pessoais aumentaram com o custeio de internet, energia, uso de seus próprios equipamentos, além de arcar com o ônus de comprar equipamentos novos para ministrar as aulas remotas. Tudo isso, sob o argumento de que é um período atípico e o trabalho não pode parar. Convém lembrar que, no contexto atual, a ideologia dominante coloca a responsabilidade pela perda do emprego ao próprio trabalhador.

A pandemia colocou a educação diante de uma situação excepcional e utilizou o termo “educação remota”, ou “ensino remoto”, para não aludir a educação à distância. Entretanto, o modo de fazer educação remota tem similaridade com a educação à distância, e com um problema mais incisivo, pois partiu de uma situação emergencial para a qual educadores e educandos não estavam preparados, mas o ensino deveria acontecer. Assim, as dificuldades que se apresentaram foram muitas. Professores que não estavam acostumados a lidar com as novas tecnologias, precisaram adequar os planos de aula ao meio digital, o modo de avaliar que sempre foi objeto de discussão no ensino presencial, acentuou a problemática com o advento do ensino remoto.

Essa realidade justaposta à ideologia neoliberal é atualizada com a noção de empregabilidade e a noção de capital humano. Ocorre a substituição da “diferença de renda” por “diferenças na capacidade de acesso aos postos de trabalho”. Desse modo, o desemprego é justificado pela suposição de que ele é fruto da falta de investimento adequado por parte dos indivíduos a fim de tornar sua força de trabalho atraente (CARDOSO, 2003, p. 105).

---

<sup>7</sup> O desenvolvimento científico e tecnológico no capitalismo depende de investimento de capital e nunca é neutro. A forma como os objetos inteligentes buscam resolver os problemas sociais é criando novos produtos e demanda por eles, e então responsabilizando as pessoas, individualmente, pelas soluções. Você deve instalar câmeras inteligentes para garantir sua segurança, comprar *gadgets* e *apps* que monitoram seu corpo para garantir que você esteja se exercitando e bebendo água, usar ferramentas de GPS para otimizar a sua mobilidade pela cidade. No lugar de repensar modelo de cidade e transporte, são criadas empresas como Uber, demanda pelos seus serviços e investe-se em carros autônomos. (MOREIRA, 2020, p.30)

A lógica neoliberal expandiu o mercado sob os efeitos dos avanços tecnológicos e inovou os modos de produção com as tecnologias digitais de informação superando os modelos fordista e taylorista. Trabalhando no sistema de *home office*, o professor perdeu o controle sobre o tempo de trabalho necessário, porque houve um aumento de tempo gasto para fazer o seu trabalho. Houve a demanda de maior tempo para planejamento de aula e o diálogo com os entes envolvidos no processo educativo se intensificou e as propostas de formação *online* para o professor dispararam como antes nunca tinha acontecido. São tantas *lives* e cursos de formação à distância que fazem um bombardeio de apelos para a formação intelectual do docente. Cursos rápidos, gratuitos, que despertam empatia porque o professor encontra neles o que buscava para as necessidades de sua formação. Se antes era necessário dispender recursos e tempo de locomoção para fazer um curso, agora aqueles que são pagos, cobram taxas irrisórias que favorecem o maior acesso de pessoas ao curso ofertado. O capitalismo informacional, que encontrava limites para se expandir no campo da educação, agora encontrou um espaço promissor para se tornar aliado sem os subterfúgios das políticas educacionais. As mídias eletrônicas, que eram utilizadas com modéstia, se sobrepuseram ao ensino presencial. O protagonismo do professor e a relação interpessoal entre professor e o aluno, são substituídos por encontros virtuais e os debates em sala que desenvolvem o espírito de companheirismo e empatia entre os alunos cede lugar a uma relação distante e destituída de sentimento e emoção. O ensino remoto fez da relação professor e aluno uma individualidade aparentemente coletiva e evidenciou a realidade da divisão da sociedade de classes na educação. O acesso à internet apresenta problemas com a queda de sinal e o acesso, por meio de dados móveis, não é acessível a todos, porque muitos alunos não dispõem de recursos suficientes para arcar com o ônus do ensino desenvolvido de forma remota.

Na contemporaneidade, o trabalhador da educação se confronta com a concorrência da máquina e assiste ao embrutecimento do seu trabalho com o sistema de serviço terceirizado, sendo que a crise pandêmica trouxe ainda a flexibilização do trabalho por meio do sistema de *home office*<sup>8</sup> com elevado ônus para o educador.

No capitalismo avançado, a produção tende a ser cada vez mais invadida por robôs e máquinas digitais, encontrando nas TICs o suporte fundamental dessa nova fase de *subsunção real do trabalho ao capital*. Como consequência dessa nova empresa flexível e digital, os *intermitentes globais*

---

<sup>8</sup> Mark Zuckerberg anunciou que o Facebook começaria a contratar remotamente e que seus funcionários existentes poderiam logo começar a trabalhar de casa. Ele estima que nos próximos 5 ou 10 anos metade da empresa, que hoje emprega 48 mil funcionários, esteja trabalhando remotamente permanentemente. (MADEIRA, 2020, p. 23)

tendem se expandir ainda mais, ao mesmo tempo que o processo *tecnológico-organizacional-informacional* eliminará de forma crescente uma quantidade incalculável de força de trabalho que se tornará supérflua e sobrando, sem empregos, sem seguridade social e sem nenhuma perspectiva de futuro. (ANTUNES, 2018, p. 43)

O trabalho *on line* não tem delimitação de horário, é um trabalho intermitente e, no sistema de aulas remotas, o trabalhador docente é convocado e incentivado a estar presente em diversas frentes, diante das quais ele tem que fazer escolhas. A quantidade de *links* que se apresentam com convocação de reunião, aulas a ministrar, ciclos de debate, mensagens a responder, fazem com que o tempo de trabalho fuja ao controle do trabalhador, ocasionando o surgimento de um novo tipo de escravidão, a escravidão digital (ANTUNES, 2018, p. 29).

O trabalho docente é essencialmente humano e se objetiva no encontro entre subjetividades que, de um lado, compartilha e, do outro, assimila a construção do saber. É um trabalho que não gera mais-valia porque não apresenta uma produção imediata, mas não pode ser robotizado porque a apropriação do conhecimento sistematizado ao longo da história acontece no encontro de consciências que juntas constroem o conhecimento. O empobrecimento do trabalho docente com sobrecarga de trabalho, perdas salariais, etc., são sinais de que, na era da máquina, o trabalho se desvaloriza cada vez mais e, quando o trabalhador depende essencialmente da consciência humana, há uma perda valorativa para o profissional que faz do ser humano a razão principal de sua realização de vida.

O que resultará do ensino remoto para a posteridade ainda é uma incógnita<sup>9</sup>. O capital tem suas armadilhas e quanto mais ele afunda, mais ele busca novas soluções para perpetuar o domínio sobre o mundo. Na educação, os percalços causados pela pandemia, não inviabilizaram a continuidade do ensino. Por meio do ensino à distância, as aulas aconteceram e os mantenedores da educação já devem vislumbrar, num futuro próximo para o universo educacional, o ensino, por meio das tecnologias, como uma prática rotineira, ainda que para isso tenham que fazer “pesados investimentos na expansão das redes digitais, com a extensão de seu alcance a todos os rincões do país, e medidas para a inclusão da população de baixa renda” (FERNANDES, 2021, p. 20).

Diante dos impactos da economia sobre a classe trabalhadora num contexto de pandemia, o empobrecimento se acentua e o agravamento do desemprego e perda de

---

<sup>9</sup> [...] seria ingenuidade supor que a humanidade sairá desta pandemia de coronavírus com uma performance melhorada. Mas é possível imaginar que a maneira de lidar com o ensino e aprendizagem não será mais a mesma, pois nunca se produziu e se compartilhou tanto material escrito e visual como nessa época de distanciamento físico e social, contemplando uma abordagem humanista para além de conteudista. (GONÇALVES, 2021, p. 55).

arrecadação pelos estados e municípios se tornam mais visíveis. Os gastos com o combate ao coronavírus colocam outros setores no plano secundário, entre esses a educação. Diante dessa realidade, o ensino remoto “traz inúmeras vantagens econômicas, pois diminui substancialmente os ‘gastos’, abre um lucrativo mercado e ainda permite uma considerável expansão do ensino em um curto espaço de tempo” (SOARES, 2020, p. 8).

A experiência do ensino remoto poderá implementar um novo jeito de dar aula, pois, “a possibilidade de que o ensino deixe de ser centrado na escola enquanto estrutura física e possa se dar no ambiente virtual é uma das grandes apostas do neoliberalismo para a modernização da educação.” (SOARES, 2020, p. 7). O professor deverá se apropriar dos meios necessários para utilizar a mídia virtual, que não é somente o celular e o computador, mas o conhecimento técnico para fazer um roteiro de aula que seja objetivado com o uso dos equipamentos midiáticos. O plano de aula inclui a organização de dados, as imagens e as técnicas que facilitem o diálogo com o aluno de maneira simultânea. O quadro-negro será coisa do passado e a lousa digital, apenas um acessório do computador. Os programas e aplicativos estarão em constante mudança para movimentar os interesses do capital.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A humanidade caminha perplexa diante da incerteza dos acontecimentos. A pandemia que assolou o planeta direcionou o pensamento para uma nova modalidade de consumo do capitalismo digital. A revolução tecnológica acelerou o desenvolvimento econômico e facilitou os trâmites das grandes transações comerciais. Trouxe insegurança, medo e perplexidade diante de uma situação letal, que fugiu ao controle das grandes potências econômicas e militares do planeta. O mundo todo se confrontou com uma guerra invisível que dizimou milhares de vidas humanas e, muitas vezes, frustrou os batalhadores que estavam na frente do campo de batalha. A guerra causada pela Covid-19 deixou o mundo assustado com perdas irreparáveis e imediatas. A sociedade teve que se adequar ao combate contra o coronavírus. Politicamente, o Estado adotou medidas legais de distanciamento social com barreiras de isolamento sanitário e intervenção pública nos meios de circulação da mercadoria. A educação sobreviveu com o subterfúgio das aulas remotas, sobrecarregando o professor com uma jornada de trabalho exaustiva e sem controle do tempo de trabalho necessário.

As políticas educacionais preconizavam a necessidade de mudanças na educação por meio das reformas, como a BNCC, reforma do ensino médio, reforma curricular, mas nunca imaginou que, algum dia, o valor das aulas presenciais fosse questionado como um modo correto de fazer educação. A sociedade do coronavírus apresentou esse desafio com a experiência de aula remota proclamada como uma realidade excepcional, que aponta para o transitório como possibilidade de experiência eficaz.

O educador da era digital não pode ficar indiferente aos rumos traçados para a política educacional e acreditar que o problema da educação consiste na dificuldade de saber utilizar as tecnologias de última geração. O uso das tecnologias da informação e comunicação é necessário, pois não convém negar ao homem a sua capacidade de transformar a natureza e interagir com o meio social. A sociedade do capital busca a cada dia encontrar meios de sobrevivência investindo em novas modalidades de consumo; a Revolução 4.0 prenuncia que, em um curto espaço de tempo, as tecnologias causarão mudanças surpreendentes, pois a revolução tecnológica se apresenta como um instrumento de transformação de toda a humanidade. “Estamos no início de uma nova revolução que alterará profundamente a maneira como vivemos, trabalhamos e nos relacionamos.” Assim afirmou o fundador e presidente executivo do fórum econômico mundial (SCHWAB, KLAUS, 2016, p. 11).

A sociedade acadêmica encontra-se diante de impasses e incertezas. Após a pandemia, a esperança é de que tudo volte à normalidade e a rotina de trabalho continue a mesma de antes. Mas talvez as grandes corporações que movimentam o capital e financiam a educação não tenham o mesmo pensamento e as mudanças poderão chegar de maneira inesperada, não tanto como o coronavírus, mas com projetos de curto, médio e longo prazo. Os educadores podem se encantar com as maravilhas das tecnologias, até o momento em que elas não se tornem ameaça à sua condição de viver e trabalhar com dignidade. A organização dos trabalhadores para fortalecer as lutas de combate à exploração e à precarização do trabalho docente devem ser fortalecidas com a causa das lutas e o interesse de todos.

## REFERÊNCIAS

ADRIÃO, Teresa. A privatização dos processos pedagógicos: grupos editoriais e os negócios na educação básica. In: MARIGONI, Gilberto (Org.) *et al.* *O negócio da educação: aventuras na terra do capitalismo sem risco*. São Paulo: Olho d'Água, 2017.

ANTUNES, Ricardo. *O Privilégio da Servidão*. São Paulo: Boitempo, 2018.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. *História da Educação e da Pedagogia*. São Paulo: Moderna, 2006.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. MEC: Brasília, 1996

CARDOSO, Adalberto Moreira. *A década neoliberal e a crise dos sindicatos no Brasil*. São Paulo, SP: Boitempo Editorial, 2003.

CHENAIS, FRANÇOIS. *A Mundialização do Capital*. São Paulo: Xamã, 1996.

FERNANDES, José Henrique Paim. Os Desafios da Educação pós-covid-19. In: AGUIAR, Marcelo (org.). *Educação pós-covid-19 Novos Desafios para o Brasil*. São Paulo: Geração, 2021.

FIGUEIREDO, A.D. *O Futuro da Educação perante as Novas Tecnologias*. Disponível em: [www.resarchgate.net](http://www.resarchgate.net). Acesso em: 15 mar.2021.

GAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. São Paulo: Unesp, 1999.

GONÇALVES, Israel Aparecido. *Educação em Tempo de Pandemia Desafios e Perspectivas*. Joinville-SC: Areia, 2021.

MADEIRA, Tiago. Tecnologias digitais e Luta de Classes. *Revista Movimento: crítica, teoria e ação*. Ano 5. nº 17. abr/jun. 2020, págs. 17-41.

MARKUS, György. *Marxismo y Antropologia*. Barcelona: 1973. Disponível em: <https://elsudamericano.wordpress.com/2019/02/20/marxismo-y-antropologia-por-gyorgy-markus/>.

MARX, Karl. *Cadernos de Paris & Manuscritos Econômicos e Filosóficos*. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MARX, Karl. *Miséria da Filosofia*. São Paulo: Boitempo, 2017

MOREIRA & KRAMER. Contemporaneidade, Educação e Tecnologia. *Educação & Sociedade*, v.28, n. 100, p. 1037-1057, out. 2007.

NONATO, Emanuel do Rosário Santos. Novas Tecnologias, Educação e Contemporaneidade. *Práxis Educativa*, v. 1, n.1, p. 77-86, jan-jun 2006.

PONCE, Aníbal. *Educação e Luta de Classes*. São Paulo: Cortez, 2005.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico-crítica, quadragésimo ano: novas aproximações*. Campinas, SP: Autores Associados, 2019. – (Coleção educação contemporânea).

SCHWAB, KAUS. *A Quarta Revolução Industrial*. São Paulo: 2016, edipro.

SEMEGHINI, Maria Inês Carpi. *Trabalho e ser social uma reflexão da ontologia de György Lukács (parte II)*. *Contradictio*. V. 2 n.2, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/contradictio/article/view/18161/11807>. Acesso: 05 mai. 2020.

SOARES, S.B.V. Coronavírus e a Modernização Conservadora da Educação. In: *Coronavírus Educação e a Luta de Classes no Brasil*. Vol. I. Brasil: Terra sem Amos, 2020.